

SIMPLES COMO AMOR



SIMPLES COMO AMOR

DIEDRA ROIZ



© 2008 por **Diedra Roiz**

A reprodução de parte ou do todo do presente texto, em qualquer meio físico ou eletrônico, é expressamente proibida sem a autorização prévia por escrito da editora, conforme garantido pela Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Roiz, Diedra

 Simples como amor / Diedra Roiz. – Franca: Editora Vira Letra, 2017

392 p.

ISBN: 978-85-68395-22-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD: 869.93

Uma coleção de sete livros de literatura lésbica.
Loucura.
Fantasia.
Inviável
Impossível.
Mas aconteceu! Está aí! É real e muito lindo!
Esperamos que abra caminhos, mentes e corações...

Este livro, assim como toda a Coleção Arco-Íris, é dedicado a todes que o tornaram possível:

Ikeda Sensei, meu mestre da vida. Com o Espírito Soka e o Juramento Seigan em meu coração, sigo comprovando e propagando a lei mística e o NAM MYOHO RENGUE KYO!

AGRADECIMENTO ESPECIAL A PERSÉFONE, QUE ENSINOU AO KIKO TUDO O QUE ELE SABE SOBRE MACUMBA!

Manuela Neves, pessoa tão insana quanto eu. Louca a ponto de ser capaz de acreditar no sonho que era esta coleção. Mais do que isso: capaz de abraçar este sonho, tomá-lo para si e torná-lo realidade. Obrigadíssima por investir seu tempo, seu afeto, seu talento, seu trabalho e seu dinheiro em nossos livros!

Nádia Lopes, Carla Gentil, Socorro Medeiros e Célia Tapety. Amigas tão queridas e amadas. Palavras são

insuficientes para expressar a importância que vocês têm em minha vida.

A cada um@ que de alguma forma acompanhou, incentivou, apoiou, divulgou, contribuiu, torceu e/ou desejou que este romance fosse publicado.

Wind Rose, minha Eliane, meu amor, minha inspiração, minha parceira, mulher da minha vida. Aquela que faz tudo ter sentido. Na verdade, você é o próprio sentido. Te amo!

Por Wind Rose

A primeira vez que li esse romance foi na internet, num site que hoje já está extinto, e logo nos primeiros parágrafos fui abduzida (feliz e radiante) para um universo que somente Diedra Roiz conhece o caminho.

Poderia começar dizendo que é mais uma história de amor escrita por essa autora talentosa, mas não. Impossível descrever assim. Poderia dizer que é mais um romance que nos envolve do início ao fim, singelo demais.

Prefiro descrever aquilo que senti ao ler pela primeira vez:

São palavras que possuem o poder de revelar ao mundo (que nos interessa) aquilo que mais escondemos. A medida que a leitura progride e avança, sentimos vontade de colocar a mão nos olhos e apenas espiar entre o vãos dos dedos. Vamos perdendo o discurso pronto, a ideia formada e as roupas da vitrine... Preconceitos, moralismos e opiniões sendo desconstruídos em cada frase e o monstro da vergonha vai nos dominando à medida que a nudez do nosso pensamento grita alto e continua piorando até o êxtase total, quando a respiração falha no momento em que percebemos que somos Malu diante daquilo que ela mais odeia: “De um jeito excitante, incontável, irresistível – que a fez sentir a pele inteira arder novamente, num

delicioso arrepio que começava no ventre e se espalhava úmido entre as pernas...”

Uma catarse que nos faz olhar de novo, para ir além do que nossa visão embasada pelos estereótipos nos mostra, e a cada frase consumida pela nossa ânsia de se livrar da culpa percebemos que todes, sem exceção, também somos Angela. E, nesse momento, as palavras, as frases e os parágrafos tomam o sentido daquilo que mais desejamos no ponto final. Uma torcida de todas as nossas Malus e Angelas interiores se une e expomos, sem vergonha nenhuma, nossos sonhos e desejos mais profundos.

Não é mais uma história de amor. Mas, sim, uma história de como se encontra o amor; de como, às vezes, assusta e nos expõe... Aí que dá tesão.

Portanto, a cada nova leitura, essa sensação de evolução interior se mostra em diferentes níveis. Acredito que o dia em que ler sem querer tapar os olhos diante de qualquer diferença, serei o próprio Buda.

Assim... Simples como o amor.

UM SURPREENDENTE AMANHECER	11
LANCES NADA INOCENTES	23
À FLOR DA PELE	35
ACASO OU DESTINO	47
MÚSICA PARA OS OLHOS	63
PERTO DEMAIS	75
SÓ SORRISOS	91
PRIMEIRAS PEDRAS NO CAMINHO	109
ACERTANDO AS ARESTAS	137
MAIS ALGUNS AJUSTES	149
AS FÚRIAS	163
A HORA DA VERDADE	175
A VERDADE DEPENDE DO PONTO DE VISTA	187
VIAGENS MUITO DIFERENTES	201
DIVERSAS FORMAS DE DOR	213
EROS E TANATUS	225
RISCOS E MEDOS	241
INVERSOS E REVERSOS	253
A INSUSTENTABILIDADE DAS COISAS	263
UMA CHANCE DE MUDANÇA	275

OPÇÕES E ESCOLHAS	287
ESPIRAIS	301
PERSISTÊNCIA	313
TANGO	327
QUANDO TUDO É POSSÍVEL	339
ENTENDIMENTO	351
MOMENTOS DECISIVOS	359
SIMPLES COMO O AMOR	371

Através de um pequeno, quase ínfimo, vão nas cortinas mal cerradas, um raio de sol se esgueirou e foi bater justamente no rosto de Malu. Aos poucos, com muita dificuldade, ela foi abrindo os olhos. Espelhos da alma que doía e rodava, profetizando a ressaca física e moral que teria que enfrentar.

Não fazia a menor ideia de onde estava. Só sabia que tinha um braço desconhecido em volta da cintura.

Olhou para o espelho no teto e teve, de uma só vez, a resposta para todas as perguntas.

Cautelosamente, para não acordar a mulher de cabelos curtinhos que dormia abraçada a ela, foi se desvencilhando aos poucos. A outra se virou resmungando. Malu sentou na cama e pressionou a memória. Precisava se lembrar.

Os flashes – incrível como, depois de toda amnésia alcoólica, as lembranças sempre vêm aos poucos, cortadas, como cenas mal editadas de um filme – pipocaram.

Noite anterior. Mesa da boate. A tal mulher extremamente masculina, exatamente o tipo que Malu detestava, fumando um... Charuto? Uma atração repulsiva tomando conta de Malu enquanto beijava ardentemente a mulher do charuto na boate. Um sentimento de prazer e desejo, como nunca havia sentido antes, a dominando. E, por fim, no quarto do motel, a mulher empurrando Malu para a cama. Malu caindo de costas, deitada, e a outra se atirando em

cima dela com uma expressão absolutamente voraz.

A simples lembrança fez Malu se arrepiar inteira. Porque, em toda a experiência que tinha com mulheres – que realmente não era muita, foi obrigada a confessar –, nunca, jamais, havia cogitado agir daquele jeito.

Em primeiro lugar, se lançar assim, do nada, nos braços de uma desconhecida completa. Em segundo, permitir – quase morrendo de tanto prazer – que a dominassem, a sujeitassem de uma forma tão... Tão... Sequer sabia definir.

Suspirou, exasperada, afastando o pensamento. Não adiantava culpar a bebedeira. Tinha adorado o jeito da outra, que não deixava margem para pudores nem resistências. Tinha se rendido, mergulhado numa entrega total e derradeira.

Passou a mão nos cabelos, tentando não se desesperar por completo. Olhou em volta novamente. As roupas das duas espalhadas, misturadas pelo chão. Irônico reflexo do que havia acontecido. Em cima da mesinha de cabeceira, um cinzeiro com vários charutos apagados. A noite havia sido longa. E incrível. Não podia negar. Pelo pouco que lembrava, e pelo corpo totalmente dolorido.

Saiu sem deixar rastros. Pegando as roupas espalhadas e se vestindo o mais rápido possível.

A corrida de táxi pareceu interminável. Abriu a porta do apartamento e deu de cara com Kiko sentado ainda de pijaminha, tomando café tranquilamente. Sem deixar de dar um risinho muito debochado, o amigo perguntou:

– E aí? Como foi com a charutão?

– Grande amigo você, hein?

Entre uma mordida no pão e um gole na xícara de café, veio a resposta displicente:

– Ué, a culpa é minha?

Malu passou a mão nos cabelos uma, duas, três vezes. Bufou, respirou fundo, o que só fez Kiko dar mais um risinho. Malu não aguentou:

– Caramba, bicha! Como você me deixou sair da boate com aquela mulher? Não acredito!

– Ah, minha filha... O que você queria que eu fizesse?

– Me impedir, me arrastar de lá, sei lá! Se a Laura ficar sabendo... Merda!

Não conseguia nem imaginar qual seria a reação da ex-mulher. Malu havia passado os últimos meses tentando reconquistar Laura. Não se conformava com a separação, não aceitava jogar fora os cinco anos em que haviam estado juntas assim, sem mais nem menos. Sim, porque, na verdade, não existiam motivos. Aparentemente tudo estava muito bem, até o fatídico dia que Malu jamais esqueceria.

Três meses antes...

Era uma sexta-feira. Estavam em casa, Laura cozinhando enquanto Malu auxiliava – era péssima na cozinha – em coisas simples como cortar cebolas, pegar uma colher ou panela, etc. Como sempre faziam. Conversando sobre assuntos absolutamente banais e irrelevantes quando, de repente – em um tempo que para Malu pareceu surreal, surpreendente –, Laura simplesmente disse:

– Quero me separar de você.

Sem nem levantar os olhos do que estava fazendo.

Malu recuou inconscientemente. Só percebendo quando as costas bateram na geladeira. Gaguejou:

– Quê? Eu... Acho que não entendi direito.

Ainda sem olhar para Malu, Laura respondeu:

– Nós duas... Não tá mais dando certo.

Malu passou da catatonia para o desespero:

– Como assim? Você me diz isso assim, do nada, desse jeito? O que tá acontecendo, Laura? Você tá me traindo? Você tem alguém?

Finalmente, Laura se virou. Ficaram frente a frente. Olhou para Malu profundamente. Os olhos muito tristes e sinceros:

– Não tenho ninguém. Só acho que viramos colegas de quarto. Não somos mais amantes, somos amigas. E um casamento não é isso.

Malu balançou a cabeça negativamente, numa rejeição muda do que a outra estava dizendo:

– Depois de cinco anos de casamento, você queria o quê? Que fosse como no começo? É claro que as coisas esfriam um pouco e...

Incrivelmente, Laura riu. Antes de dizer calmamente:

– Esfriar é uma coisa. Não existir é outra.

Aí Malu não aguentou. Aproximou-se de Laura, mas não a tocou:

– Como não existe? Vai dizer que não sentimos nada uma pela outra?

Laura apenas respondeu com um sorriso irônico e triste:

– Nós somos e sempre vamos ser muito amigas.

– Amigas? Amigas? Você é minha mulher, Laura!

A distância física entre elas, que permanecia mesmo num momento crucial daqueles, fez Laura explodir:

– Sou? Mesmo? Você ainda sente algum tesão por mim? Seja sincera. Faz meses que não fazemos sexo.

– Tenho trabalhado muito, ando cansada...

Laura voltou a rir. Sacudiu a cabeça em total discordância às desculpas da companheira:

– Malu, chega. Acabou. Nós duas sabemos. Impossível a gente continuar se enganando, fingindo que tá tudo bem.

Finalmente, de um jeito calmo, suave e meigo, Malu a abraçou. E sussurrou no ouvido dela:

– Não é verdade. Nossa relação anda um pouco desgastada, é só isso. É, sei lá, a rotina, mas... Nada que não se resolva...

Os olhos de Laura faiscaram. Com uma raiva intensa, desafiou:

– Ah, é? Então me beija! Me joga naquela cama, agora! Me prova que eu tô errada e você certa. Me mostra, Maria Luiza!

Malu colou a boca na de Laura quase com fúria. Fechou os olhos e tentou. Mas, infelizmente, naquele momento – não sabia por que – não conseguiu sentir nada por Laura. Desejo algum.

Entreabriu os lábios, a língua de Laura entrou voraz, tentando despertar aquilo que, quando tinham se conhecido, era imediato, mas que naquele momento parecia impossível.

Malu percorreu a pele de Laura por baixo da blusa, as mãos encontrando os seios, sem empolgação nenhuma.

Laura interrompeu o beijo e se afastou.

Malu ainda insistiu:

– Por favor, Laura... Você sabe que...

Mas era evidente demais, inegável demais a total falta de química. Como se as peles não se dissessem mais nada.

Laura apenas disse:

– O que eu sei é que nós duas merecemos um casamento de verdade. Não adianta, falar não vai mudar nada.

Simples assim. Direto e rápido encerramento de todos os planos e certezas de Malu. Há três meses. E início de um assustador e doloroso recomeço. Sob os olhares reprovadores e penalizados da família. Teve que ouvir a mãe dizendo, com os olhos cheios de lágrimas:

– Minha filha... Eu te avisei... Eu te disse que essa vida que você escolheu é muito solitária... Muito triste... Você nunca vai ter uma família de verdade...

Em compensação, Kiko a tinha recebido de braços abertos para dividirem o apartamento de dois quartos:

– Vamos nos divertir muito, amiga! Vou te colocar pra cima! Tem um mundo de mulheres lindas te esperando, você vai ver! Vai esquecer a Laura rapidinho!

Mas Malu não havia esquecido. Nem desistido. Telefonava para Laura quase todos os dias. Sentia muita falta dela. Das conversas, da companhia, dos filmes a que assistiam abraçadinhas e das noites em que dormiam de conchinha, embaladas, aquecidas uma no calor da outra.

Os dias pareciam tão gelados e vazios quanto a cama em que rolava até altas horas da madrugada, sem conseguir pegar no sono.

E, assim, os três primeiros meses tinham decorrido, num sofrimento passivo, deprimido, que não a deixava.

Kiko insistia em convidar Malu para sair todos os finais de semana, de quinta a domingo. Mas Malu nunca ia. Preferia ficar sentada no sofá da sala, o controle da TV zapeando incessantemente os canais.

Até a véspera, quando tinha telefonado para Laura e a ex não a havia atendido. Na mesma hora, a cabeça de Malu começou a criar milhares de historinhas. Nenhuma boa. Todas terminavam com Laura e outra. Então, entrou no Orkut de Laura e teve a confirmação de seus piores pesadelos: vários comentários, íntimos demais, calorosos demais, de uma tal de Bia. Uma mulher que Malu simplesmente desconhecia.

Resolveu sair com Kiko. De pura raiva. Enquanto se arrumava, começou a beber com o amigo. Quando chegou à boate, a cabeça rodava. Um carrossel de pensamentos, lembranças e mágoas...

Tonta de bebida, de empolgação e de uma vontade inconfessável de libertação que há muito não sentia, nem pensou em resistir. Rendeu-se à inevitabilidade instintiva dos sentidos.

Será que por isso havia beijado com uma voracidade perturbadora uma desconhecida no meio da boate? Ou por se sentir rejeitada, espezinhada, largada por Laura, querendo que ela soubesse e sofresse? Infantil desejo de

vingança, ou última cartada, baseada na crença de que as pessoas só dão valor ao que perdem?

Fosse o que fosse, era totalmente incoerente. Sem sentimento, razão, nem explicação. Além do tesão insano, desmedido, incompreensível, que a outra – a mulher dos charutos cubanos, sedutora e ao mesmo tempo repulsiva – a tinha feito sentir.

– E então? – um Kiko muito curioso, com um sorriso malicioso no rosto, perguntou.

– Então o quê?

– Ué, como foi?

Malu lançou um olhar que seria fulminante para qualquer pessoa. Em se tratando de Kiko – que era talvez uma das pessoas mais sem semancol do mundo –, não funcionou:

– Vai, amiga, conta...

Já sabendo que ele iria insistir até conseguir o que queria, Malu acabou dizendo:

– Contar o quê? Nós fomos pro motel, fizemos sexo, e só.

Kiko abriu um sorriso debochado, com uma das sobrancelhas levantadas:

– Você ficou com ela a noite toda. Não pode ter sido tão ruim.

Sem resposta. Foi assim que Malu ficou. Até porque ruim era exatamente o contrário do que havia sido. Mas não estava disposta a confessar isso para ninguém ainda. Nem para si mesma.

Kiko continuou olhando para a amiga como se pudesse ler dentro dela:

– Eu nunca te vi fazer uma coisa dessas, e nos conhecemos há o quê? Uns dez anos, pelo menos. Então, quer dizer que de algum jeito, a coisa bateu. Senão, você não teria ido com a charutão assim tão fácil, né?

Sim, tinha “batido” muito mais do que Malu gostaria. Atirou-se no sofá, passou a mão no rosto, deu um suspiro... A única resposta que teve, foi:

– Meu querido, se você estivesse há mais de nove meses sem sexo como eu, também não ia achar difícil.

Kiko sorriu mais ainda. Aproximou-se de Malu, com as mãos na cintura, olhando-a de cima a baixo, antes de dizer:

– Sei. Até parece! Isso nunca foi problema pra você antes. Malu, você foi virgem até os vinte e um anos! E com tantas mulheres dando mole pra você, por que escolheu logo a charutão? Sim, porque foi você quem deu em cima dela.

Malu olhou interrogativamente para ele. Tentou lembrar, mas só conseguiu uma careta de dor. A cabeça latejava impiedosamente. Apertou as têmporas, sem saber se o que o amigo dizia era verdade ou não...

Kiko sentou ao lado dela:

– Você não lembra?

Com um aceno envergonhado de cabeça, Malu respondeu que não. Kiko então informou:

– Não lembra de ter olhado acintosamente pra charutão, sorrindo, dando tanto mole que ela veio sentar na nossa mesa?

Absolutamente surpresa, Malu respondeu apenas:

– Não.

Kiko tapou a boca com uma das mãos. Depois a colocou na base do pescoço, segurando o colar que usava, sem conseguir disfarçar o quanto estava perplexo:

– Amiga, tô passada!

Depois de menos de um segundo de silêncio, ele soltou:

– Eu nunca te vi tão segura do que tava fazendo... Não me diga que era a bebida falando por você...

Malu abaixou a cabeça e tapou os olhos com as mãos. Não era nem um pouco como ele estava dizendo. Estava bêbada, não lembrava direito, mas no fundo sabia que tinha seguido o mais profundo e inconfessável desejo. A bebida não tinha culpa. Apenas havia ajudado a fluir.

Kiko interrompeu os pensamentos dela, com uma ansiedade evidente:

– Quer saber o resto? Ou prefere que eu pare por aqui?

Por um momento, Malu tentou evitar a curiosidade latente, insistente... Sem conseguir. Precisava saber o que tinha acontecido. Para ver se conseguia compreender o porquê.

– Conta. Eu quero saber.

Depois de um pigarro seco, limpando a garganta como se fosse cantar uma ópera, o amigo começou, com um prazer quase sádico:

– Bom, assim que a charutão chegou na nossa mesa, você a agarrou. Nem deixou a pobre dizer o nome, antes disso já estava com a boca colada na dela, beijando loucamente.

Kiko parou, olhando fixamente para a amiga, como quem pede autorização para continuar. Malu entendeu e pediu:

– Continua.

Com um suspiro, dramático como sempre, Kiko completou:

– Bom, pra encurtar a história... Você agarrou a charutão, sentou no colo dela e quase trepou com ela ali mesmo. Pensei até que vocês fossem ser expulsas. E iam ser, se a charutão não tivesse te levado embora.

– Bicha, não acredito que você me deixou dar um show desses!

– Eu tentei te impedir. Juro! Mas você parecia uma gata no cio, Malu...

Malu voltou a abaixar a cabeça e a esconder o rosto entre as mãos:

– Que vergonha...

Kiko riu, achando a reação dela engraçadíssima. Tirou delicadamente as mãos da amiga do rosto, a fez levantar a cabeça e a olhou bem nos olhos, incentivando, ao dizer:

– Vergonha por quê? Que bobagem! Você é uma mulher livre e desimpedida, amiga. Tem mais é que aproveitar mesmo. E, pelo pouco que eu vi ontem, com certeza o negócio foi bom...

E riu novamente.

Malu suspirou profundamente, exasperada ao extremo, antes de dizer:

– Sinceramente? Não quero mais falar sobre isso. Nem pensar nisso.

Com um olhar irônico, malicioso mesmo, Kiko respondeu:

– Acho que você não vai ter escolha.

Malu arregalou os olhos:

– Como assim?

O risinho de Kiko só aumentou:

– Já se olhou no espelho?

Para dizer a verdade, Malu até tinha olhado no espelho. No teto do motel. Quando tinha olhado para tudo, menos para si mesma.

Caminhou até o banheiro lentamente. Com medo do que já sabia. Parou em frente ao espelho e viu: dos dois lados do pescoço, as indisfarçáveis e inconfundíveis marcas roxas.

As lembranças vieram novamente, imagens muito pouco nítidas, em contraste com as sensações incrivelmente vívidas que a atingiam. De um jeito excitante, incontrolável, irresistível – que a fez sentir a pele inteira arder novamente, num delicioso arrepio que começava no ventre e se espalhava úmido entre as pernas...

Com uma expressão profundamente perdida, sem entender nem conseguir explicar o que sentia, Malu voltou a esconder o rosto entre as mãos, com um gemido de puro desespero.